

## **DESPORTO;**

### **UM CONTRIBUTO PARA AFIRMAÇÃO DA REGIÃO ALENTEJO**

O **desporto** constitui no presente, uma atividade que desempenha, simultaneamente, funções múltiplas nos campos da educação, da cultura, do social e da economia, que vão desde o turismo ao desenvolvimento económico, do emprego à melhoria global das condições de vida das populações, da utilização sadia dos tempos livres de toda a população até à integração social dos jovens e de minorias étnicas.

A noção de "**desporto**" é assim muito mais ampla e muito diferenciadora, comportando várias formas de atividade física desde a competição de alto nível até à atividade física espontânea e informal, passando por programas organizados de educação física, a nível da escola, e de intervenção de recreio e lazer de clubes, associações e coletividades.

Em todos estes campos, o desporto passou a desempenhar novas funções e a assumir uma importância que não tinha no passado.

É hoje reconhecido que o desporto apresenta um forte potencial, contribuindo:

- Para um crescimento equilibrado e inclusivo nas crianças e jovens;
- Para a criação de emprego através de novos modelos de gestão, promoção e marketing, com seus efeitos positivos ao melhorar o nível de saúde, através da minimização de efeitos nocivos na vida diária;
- Para o bem-estar da população e para o equilíbrio saudável em convívio com uma melhor qualidade de vida na terceira idade.

Coopera igualmente para a coesão social, eliminando as barreiras sociais, e melhora a empregabilidade da população através dos seus efeitos na formação, contribuindo para a inclusão social em especial entre os jovens, pessoas portadoras de deficiência, idosos e mulheres.

Mas por outro lado, o desporto enfrenta várias ameaças, das quais é necessário proteger os atletas, sobretudo os atletas jovens, e os cidadãos, como a dopagem, a violência, a intolerância e sobretudo a abordagem demasiado economicista do

desporto, com reflexos negativos na visão do interesse público e na consequente prática desportiva.

Simplesmente esse papel não está pré determinado e cabe aos responsáveis políticos, governamentais e locais, definirem as políticas de intervenção nesta matéria. São igualmente responsáveis, pela sua implementação, os que gerem e orientam as instituições que lhe dão corpo, nomeadamente neste **triângulo** entre o **movimento associativo, desporto na escola** e a **intervenção das autarquias**.

No que diz respeito à dinâmica **do movimento associativo**, esta tem um papel de indiscutível importância no fenómeno desportivo nacional, enquanto responsável pela prática desportiva, a qual também está consolidada na região.

Não se deve, contudo, deixar de salientar as estruturas com responsabilidade direta na promoção, gestão e organização do desporto, situadas numa dimensão competitiva, nomeadamente as associações de modalidades e federações, as organizações sindicais e profissionais, os movimentos cívicos e organizações não-governamentais.

Mas referindo-nos em especial ao **movimento associativo popular**, este vive na base do grande voluntariado e da consequente participação cívica.

É por todos reconhecido que está na base das dinâmicas culturais, recreativas e desportivas do nosso país, com especial relevo para o seu papel de proximidade com as populações situadas em zonas mais longínquas dos centros urbanos.

Porém a realidade do nosso movimento associativo, merece já hoje uma caracterização ao nível do INE – Instituto Nacional de Estatística – referenciada no estudo da Conta Satélite da Economia Social (ES), publicada em 2011, onde é relatado que existiam em Portugal cerca de 50 000 Instituições de caráter social – das quais cerca de **48,4% enquadravam as coletividades, de cultura desporto e recreio**. Mas a expressão do voluntariado vai mais longe como refere Augusto Flor, presidente da Confederação Portuguesa das Coletividades de Cultura, Recreio e Desporto, na conferência realizada em Évora promovida pela CIMAC **“se considerarmos que em média cada coletividade tem 15 elementos, divididos por 9 na direção, 3 na assembleia geral e mais 3 no conselho fiscal, estima-se que o n.º total de**

**membros é de 425 000 elementos que desempenham as suas tarefas em regime de voluntariado”.**

Mas se nos focarmos no Alentejo e tendo presente cada uma das suas regiões, destacamos a informação prestada pela Confederação Portuguesa das Coletividades de Cultura, Recreio e Desporto, para podemos caracterizar que o movimento associativo, **no distrito de Portalegre** conta com **cerca de 570 coletividades** de recreio, cultura e desporto e **são 8 550 dirigentes;**

Se nos focarmos na **região de Évora**, temos cerca de 500, e se considerarmos os mesmos parâmetros, já referidos há pouco, teremos cerca de **7 500 dirigentes voluntários.**

Olhando para a **região de Beja** o mesmo estudo mostra-nos que o valor total de coletividades dedicadas ao recreio, cultura e desporto serão cerca de 1019 que corresponde a **15 285 dirigentes.**

Por fim temos os valores que distribuem pelos **5 municípios do Alentejo Litoral** e que nos indicam que o **valor é de 495** e serão cerca de **7 425 dirigentes.**

Porem, os dados da **União Europeia apontam para um valor muito reduzido, pois apenas 7% dos cidadãos europeus** são voluntários no âmbito do desporto.

Sem termos a veleidade de nos tornarmos exaustivos na inventariação e caracterização do movimento associativo, devemos, no entanto, fazer uma abordagem muito transversal onde podemos situar o desporto.

É fundamental concentrarmo-nos na nossa região e saber ler as consequências do fenómeno desportivo, com o objetivo de as adequar às características do Alentejo como uma afirmação da região.

O campo de intervenção do fenómeno desportivo atravessa, nos dias de hoje, as fronteiras locais e regionais, e é impossível não o contextualizar no tecido social e nos planos estratégicos regionais.

A definição de medidas a aplicar passa necessariamente por compreender, qual a expressão populacional do Alentejo no quadro nacional.

Neste caso podemos começar por reconhecer que a tendência para o **envelhecimento da população**, tem na base três situações que concorrem para esta

situação, nomeadamente: a **diminuição da fecundidade**, o **aumento da esperança de vida**, e o **êxodo de emigração**, sobretudo jovem, que tem igualmente contribuído para agravar este processo.

Em consequência destes fenómenos, a organização da sociedade terá de se preparar para novo quadro de referências, não só no trabalho, na educação, na segurança social, na saúde, mas também na prática desportiva e nos respetivos equipamentos sociais culturais, educativos e desportivos.

Mas a leitura que também devemos fazer é procurar centralizar estes valores na região Alentejo, desde o Alto e Baixo Alentejo, Alentejo Central e Litoral.

A **nível nacional** e segundo os Recenseamentos Gerais da População do INE, entre 1991 e 2001 a proporção de jovens diminuiu de 20% para 16%, enquanto a de idosos subiu de 13,6% para 16,4%.

Assim, segundo estes resultados a **proporção de idosos** suplantou a de **jovens**.

Ainda nos **Censos 2011**, conforme é referido nos resultados provisórios do INE, é confirmado o aumento da população idosa e a **diminuição da população jovem em Portugal**, sendo que, atualmente, 15% da população residente em Portugal se encontra no grupo etário mais jovem (0-14 anos) e cerca de 19% pertence ao grupo dos mais idosos, com 65 ou mais anos de idade.

<b>CENSOS</b>	<b>Jovens</b>	<b>Idosos</b>
1991	20%	13,6%
2001	16%	16.4%
2011	15%	19%

Como resultado desta evolução, a relação da população com **65 ou mais anos** com a de jovens (**com menos de 15 anos**) aumentou de 68 idosos por cada 100 jovens em 1991 para 102 idosos em 2001, ou seja, quase mais 40 idosos.

Relativamente a **2013** (último ano com informação disponibilizada pelo EUROSTAT), Portugal é o **4º país da UE 28 com maior proporção de idosos**.

Na **região do Alentejo** e segundo os dados dos censos - INE - de **2001**, a população residente era de **535 753** dos quais **262 396** eram homens e **273 357** eram mulheres.

Mas em **2011** o valor total baixa para **509 849**, dos quais **247 591** eram homens e **262 258** eram mulheres. Neste quadro geral é já visível o decréscimo da população, mas por outro lado a população idosa é predominantemente composta por mulheres porque estas tendem a viver mais do que os homens.

Censos	Total	Homens	Mulheres	Diferença Género
2001	535 753	262 396	273 357	-10961
2011	509 849	247 591	262.258	23 824
Diferença (2001-2011)	25904	14805	11099	3706

O envelhecimento demográfico traduz alterações na distribuição etária da população. Esta dinâmica é consequência dos processos de **declínio da natalidade** e de **aumento da longevidade** e é entendida internacionalmente como uma das mais importantes tendências demográficas do século XXI.

Censos	0-14	15-24	65 ou mais
2001	72 578	68 971	125 874
2011	66 493	49 908	128 427
Diferença	- 6 085	- 19 063	+ 2 553

Por este apontamento é visível o declínio dos jovens entre os 15 e 24 anos e emagrece seriamente o **índice de juventude**.

É assim inevitável que esta alteração da estrutura demográfica nos coloque **mudanças de atitudes, de valores, de perspetivas de trabalho e até na segmentação das atividades a desenvolver** consoante os seus destinatários.

Ora se a realidade estatística coloca o **crescimento do envelhecimento** à frente dos **valores dos mais jovens, deparamo-nos com um problema:**

Sendo real o seu decréscimo torna-se cada vez mais preocupante e difícil a captação dos mais novos para a prática desportiva mas por outro lado, o crescimento da população idosa implica fomentar medidas adequadas a este

segmento populacional, respeitando o novo quadro demográfico. Assim, neste quadro diferenciador, as políticas de desenvolvimento desportivo de raiz autárquico devem ser direcionadas aos **diferentes setores das populações** sempre fomentadas e enquadradas nas suas características.

Logo, é também importante motivar os jovens e adequar políticas de integração desportiva ao encontro dos mais jovens, pensando nos seus interesses e nas novas tendências e correntes desportivas, ou corremos o risco de não saber fixar os jovens à sua terra e à região.

Os seus interesses culturais, sociais, económicos e até desportivos devem ser ponderados, a curto prazo, por forma a adequar progressivamente os seus interesses às suas raízes identitárias.

Os encargos – financeiros, materiais e humanos - que têm sido assumidos nomeadamente na criação de uma rede de equipamentos desportivos, bastante significativa, traduzem um quadro de grande oportunidade quer junto das crianças e jovens, quer junto das dinâmicas do movimento associativo sediadas nas comunidades locais.

Por outro lado temos uma população idosa que aumentou e a quem deve ser proporcionado planos de intervenção / ação tendentes a níveis de qualidade de vida e que por direito devem ser usufruídos.

É inevitável que neste quadro de desequilíbrio demográfico possamos ter presente que o modelo de redução de tempos curriculares da **educação física e do desporto nas escolas** têm tido, e terão a medio prazo, reflexos negativos na formação dos jovens, nomeadamente na qualidade da prática desportiva com a consequente diminuição dos valores que lhe estão associados. São conceitos de equipa e de grupo que podem estar em causa - fatores de crescimento e de desenvolvimento cognitivo, promoção da solidariedade e na valorização do respeito pelo outro, conhecimento de si mesmo e do seu contributo na equipa, e a motivação para a paz e não discriminação.

Assim, a desqualificação da educação física e do desporto em ambiente escolar irá ter a curto prazo, gravíssimas consequências no contexto social, cultural e económico, com reflexos na comunidade local, mas sobretudo na qualidade de vida

dos futuros cidadãos... caso não haja atempadamente planos de reversão sobre estas matérias.

Um outro aspeto, importante na sociedade atual, diz respeito á **dimensão económica do desporto**, que também importa abordar, apenas com a intenção de o reconhecer como uma circunstância determinante para a região.

Neste quadro, de grande atualidade, a consequência é sem dúvida o papel que o desporto pode ter como prevenção nos riscos da saúde ao reduzir os seus encargos.

A este propósito Fernando Tenreiro, economista do Instituto Português do Desporto e Juventude - IPDJ, salientava numa conferência *“o custo da inatividade física (59% da população portuguesa, 36% mulheres e 23% homens), que andar á entre 664 milhões e 1,3 mil milhões de euros (...) São valores brutais”, frisando que “o não investimento no Desporto gera gastos superiores na sociedade e, por outro lado, inibe o crescimento das empresas e organizações que dependem ou contribuem para o sector”*.

Já o **Livro branco do Desporto**, editado pela Comissão Europeia em 2007, é referido que *“o desporto é um sector dinâmico e de rápido crescimento cujo impacto macroeconómico está a ser subestimado, e pode também contribuir para o desenvolvimento local e regional, a regeneração urbana e o desenvolvimento rural. O desporto tem sinergias como o turismo e pode estimular a modernização de infraestruturas e a emergência de novas parcerias para o financiamento de instalações desportivas e de lazer”*.

Apesar da importância económica global do desporto, a grande maioria das atividades desportivas tem lugar no quadro de **estruturas sem fins lucrativos**, muitas das quais dependem do apoio público para poderem oferecer a todos os cidadãos o acesso a atividades desportivas, na lógica do Poder Local que promove de forma inequívoca a sua prática junto das suas comunidades.

Esta perspetiva, acerca do valor económico do desporto, tem consigo reflexos importantes e significativos, mas só poderemos ajuizar este impacto no contexto de grandes eventos. O Alentejo vem desde há 36 anos afirmar a Volta ao Alentejo para que ela seja uma referência para a região, mas deixou de ser, em determinado

momento, uma organização direta dos municípios que continuam na retaguarda do evento no seu papel organizativo reconhecendo o seu valor para a Região.

Mas a visão económica pode e deve estar associada, nomeadamente através das culturas, tradições locais e regionais – Cante Alentejano e o Chocalho de Viana do Alentejo – a gastronomia e o artesanato, a cultura e o património, o ambiente urbano e paisagístico, a realização de conferências e congressos, a distinção de poetas e escritores, a promoção de pintores e artesãos, e até a própria inovação tecnológica que coloca o Alentejo nas páginas do mundo, é caso para dizer .... Tem tudo, apenas lhe falta transmitir o aroma dos seus segredos! Aliás este Congresso é já, em meu entender, um bom contributo para a reflexão sobre ... **se amamos o Alentejo, então como vamos viver no futuro o AMAlentejo?**

E foi com este propósito que no princípio deste século, ou seja em 2001, surgiu um amplo projeto, designado por **Os Jogos do Alentejo**, que tinha na sua essência a capacidade de dinamizar uma organização desportiva que envolvesse a região, sob a coordenação das respetivas 4 Associações de Municípios (**AMDBeja, AMDÉvora, AMLAlentejo e AMNAlentejano**) que tinham na sua base os 47 municípios do Alentejo.

Os **Jogos do Alentejo – foram entendidos como a afirmação desportiva e cultural de toda a Região** através do desenvolvimento do desporto e do reforço do movimento associativo como fatores importantes à dinamização sociocultural local e regional.

A sua vasta organização desportiva, com características diferenciadas no País a nível nacional, foi entendida como iniciativa inédita e uma forma de demonstrar a capacidade organizativa desta Região.

OS **JOGOS DO ALENTEJO** sempre foram defendidos como um **”serviço”** que é prestado a toda a população e, em especial à Juventude, tendo na sua génese a dinâmica do Poder Local e a consciência política do papel do desporto na qualidade de vida das populações, na revitalização do movimento associativo e na valorização das raízes identitárias da região.

OS **JOGOS DO ALENTEJO** privilegiaram a coordenação da ação desenvolvida pelas Autarquias Locais, a nível local e regional, com as outras entidades, de modo a



consolidar a coesão social e a afirmar nacional e internacionalmente a Região, reforçando a sua identidade própria.

O **processo organizativo** assentava em três patamares fundamentais:

- **A Comissão Organizadora**, que era constituída por um elemento do Conselho de Administração de cada uma das Associações, **tinha como principal tarefa a responsabilidade da tomada de decisões ao nível da conceção, definição, organização e coordenação geral dos Jogos.**

Também lhe competia a rentabilização dos meios financeiros, materiais e logísticos e o contacto permanente com os responsáveis das diferentes estruturas as quais prestaram o seu apoio ou ofereceram o seu patrocínio,

- **A Comissão Técnica Regional**, que integrava os técnicos de desporto dos Municípios da respetiva Associação, **sendo fundamental para assegurar a respetiva organização dos jogos que se realizaram a nível sub-regional.**
- **A Comissão Técnica**, de cada Associação de Municípios, constituída pelos técnicos de desporto da respetiva Associação e dos Municípios. A sua função foi evidente através da **promoção e coordenação das realizações desportivas a nível de cada concelho dentro da perspetiva de organização de cada Associação de Municípios.**
- Também lhe competia a coordenação de esforços entre todas as entidades que têm a ver direta ou indiretamente com o desporto (o Movimento Associativo, as Autarquias Locais, o Sistema de Ensino, etc.);

Também a **participação das juntas de freguesia** criava uma descentralização da organização de forma a garantir a participação das localidades das respetivas populações, no âmbito de cada Associação de Município.

**A estruturação de atividades**, concebidas como um vasto leque de possibilidades oferecidas pelas diferentes instituições às “populações alvo”.

**A mobilização das infraestruturas** existentes e dos diversos equipamentos necessários aos diferentes modelos de prática desportiva;

Em jeito de conclusão, pudemos dizer que **Os Jogos do Alentejo** souberam:

- Responder a necessidades concretas da vida dos diferentes grupos da população;
- Promoveram a organização de um vasto quadro de atividades abertas a todos;
- Contribuíram para o processo de desenvolvimento desportivo e cultural da Região;
- Cooperaram com as estruturas associativas da Região - clubes e coletividades, organizações de juventude, de mulheres, de idosos e deficientes, da estrutura federada regional, das escolas e de outras organizações sociais públicas e privadas;

E em jeito de conclusões a **avaliação qualitativa** foi então considerada:

- \* Satisfatória quanto ao modelo organizacional que permitiu a responsabilização entre todos os elementos da estrutura de organização;
- \* Diversificada na vivência desportiva através de diferentes modalidades e abrangendo todos os sectores da população;
- \* Importante no que respeitava à intervenção do Movimento Associativo, Sector Escolar, Associações de modalidade e Federações, empresas, clubes e associações e demais entidades de expressão local e regionais;
- \* Prestigante quanto à identidade cultural da região do Alentejo junto da Comunicação Social, através da promoção e divulgação das diferentes iniciativas;
- \* Empenhada e cooperante, de uma forma muito positiva, entre as 4 associações de municípios

No campo da **avaliação quantificada** podemos realçar que os seguintes aspetos:

- \* Participaram ativamente 40 Municípios dos 47 integrados na Região do Alentejo;
- \* Cooperaram de forma eficaz todos os responsáveis (eleitos, técnicos e trabalhadores das autarquias) que integravam as comissões de apoio;
- \* Organizaram festivais (Abertura e Encerramento). Torneios, provas, circuitos e demonstração de **50 modalidades desportivas**, sendo **9 integradas nos Jogos Populares**;

\* Colaboraram voluntariamente cerca de **37 de estruturas**, que prestaram o seu apoio à organização das atividades a nível regional;

\* Participaram **25 mil participantes que durante 5 meses** aderiram aos Jogos do Alentejo.

É um facto que a 15 anos de distância a eventual 2ª edição dos **Jogos do Alentejo**, tem que obrigatoriamente saber corresponder e/ou conhecer os novos desafios da sociedade atual e compreender os impactos que uma organização com esta dimensão pode trazer para a região, nomeadamente:

1-O **quadro atual das autarquias locais** (câmaras e juntas de freguesia) que sofreram nos últimos anos um ataque ao seu funcionalmente, com novos compromissos, novos modelos de gestão, mais limitações e menos autonomia, sem deixar de sublinhar que o novo quadro administrativo das **juntas de freguesia** reduziu de forma significativa a sua relação de proximidade com as populações e em simultâneo criou-lhe novas exigências.

2- Também a grande conquista do **setor da saúde** tem sabido ganhar a luta a favor da atividade física, com as caminhadas e iniciativas similares, sensibilizando as populações locais.

3- O **setor jovem** está perante novos desafios de empregabilidade e outros interesses e modelos de vivência desportiva, através de novas práticas que mais os incentiva para a aventura, diferente e arrojado.

4- O **setor escolar**, prejudicado com a diminuição dos seus tempos curriculares de educação física, são os profissionais que ainda continuam a consolidar vontades e expectativas para o campo desportivo e no fomento do desporto escolar.

5- A vivência e realidade do **movimento associativo** que ainda consegue manter a sua estabilidade funcional, através do apoio expresso das suas autarquias ou por grande espírito de voluntariado.

6- O **campo empresarial** reanimou o setor, sobretudo através das descobertas de novas tendências de aventura associadas a novas imagens de marca e suas inovações em produtos de consumo.

7- O **espírito associativo e federativo** cumpre o seu desígnio na organização de calendários desportivos e de iniciativas inerentes à sua missão, e continuam a desempenhar um papel insubstituível na gestão e organização do desporto de alta competição.

Nestes setores são bem evidentes o empenhamento das Autarquias do Alentejo, quer através de planos e projetos de desenvolvimento de intervenção desportiva, quer através da criação de uma qualificada rede de equipamentos desportivos, bem como na cooperação e realização de eventos e /ou acontecimentos de grande valor sociocultural, como fator de desenvolvimento económico da região.

A terminar, posso desde já reafirmar que **Os Jogos do Alentejo** foram e poderão vir a ser um fruto, **já amadurecido**, nascido neste **congresso AMALENTEJO** e de todos aqueles que o imaginaram, organizaram e perspetivam para o país, a pensar nos alentejanos e alentejanas.

Os Jogos poderão ser a mais vasta organização desportiva do País e afirmar-se, em termos nacionais, como uma iniciativa inédita e uma forma de demonstrar a capacidade organizativa e um contributo para a afirmação do Alentejo. Apenas nos basta a opção política, a perceção das oportunidades e a partilha de interesses de uma região que se afirma pela diferença.

**AMAlentejo é pensar a região no futuro.**

Odete Graça

2 de abril de 2016